

O HOMEM E O RIO: UMA ABORDAGEM ECOCRÍTICA DA OBRA *BEIRA RIO BEIRA VIDA*

Mestranda Lívia Maria da Costa Carvalho (UFPE)¹

Resumo:

O presente trabalho se propõe a uma análise das imbricações entre homem, vida e paisagem no romance *Beira Rio Beira Vida*, do escritor piauiense Assis Brasil, pensando nas relações entre seres humanos, natureza, reprodução da vida e suas resultantes no contexto piauiense, pensando sua importância na negociação cultural.

Sou como um rio que, de tanto
Refletir sombras, se tornou sombrio...
Rio de dor, rio de pranto,
Ninguém sabe o mistério desse rio
(Da Costa e Silva)

1. Introdução

Ao introduzir o sexto capítulo do livro *Ecocrítica*, o autor Greg Garrard fala sobre a importância da habitação da Terra ao afirmar: “Habitar” não é um estado transitório; ao contrário, implica a imbricação a longo prazo dos seres humanos numa paisagem de memória, ancestralidade e morte, de ritual, vida e trabalho. (GARRARD, 2006, p. 154). O presente trabalho se propõe a uma análise dessas imbricações entre homem, vida e paisagem no romance *Beira-Rio Beira-Vida*, do escritor piauiense Assis Brasil. Pensando nas relações entre seres humanos, natureza, reprodução da vida e suas resultantes.

Primeiro livro da série *Tetralogia piauiense*, de Assis Brasil, – que acompanha também as narrativas: *A Filha do Meio-Quilo*, *O Salto do Cavalo Cobridor* e *Pacamão* – *Beira Rio Beira Vida* é uma narrativa da vida de uma família de mulheres que vivem à beira do cais do rio Parnaíba. Lugares de grande fluxo comercial das embarcações que navegavam pelos estados do Piauí e Maranhão, o cais e, sobretudo, o rio eram os meios e os lugares de sobrevivência para a família de Luíza, personagem que narra a história da passagem de três gerações de sua família, a partir das reminiscências e fragmentações de sua memória. Ela (Luíza) e sua mãe (Cremilda) cumprem o que parece ser a sina das mulheres nascidas ali naquele local de miséria, vivem a prostituição. A história ganha uma áurea mística e diferente, pois uma grande maldição parece dar início a um ciclo que se renova a cada geração, no qual em cada época, o nascimento de mais uma mulher renova a vida de prostituição no cais do rio Parnaíba.

¹ Lívia COSTA CARVALHO, Aluna do mestrado em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). liviacostacarvalho@gmail.com

A mulher passou os nove meses de gravidez gritando e chorando de noite, para que toda a cidade ouvisse. E quando a filha nasceu ainda chorava e gritava, blasfemando. Passou a maldizer o futuro da menina, que ela era culpada, haveria de penar, penar e pegaria barriga de marinheiro, e teria uma filha que pegaria barriga de marinheiro, e a filha de sua filha pegaria barriga de marinheiro. (BRASIL, 1979, p.56)

O ciclo é findo com o nascimento de Mundoca, filha de Luíza que parece ojerizar, não só o mundo em que vive, mas a vida ensimesmada que lhe resta. Ela nunca correspondera ao lugar onde nascera e jamais se adequaria a ele. Na verdade, para quebrar a maldição em que vivia sua família, Mundoca passa pela narrativa como quem assiste a um desfile da calçada e não vibra com ele. Os sentimentos e as razões que a levariam a viver da mesma forma que sua mãe e sua avó, que a levariam ao diálogo com todas as mulheres do cais, jamais repercutiram em sua personalidade, jamais a apeteeceram. Mundoca se caracteriza por ser o que Fausto Cunha chamou de “elo quebrado de uma cadeia” (CUNHA apud BRASIL, 1979, p. 136), sua posição, enfim, encerra o ciclo amaldiçoado que perpetuaria na vida das mulheres à beira do rio.

Mundoca nunca amou.

Sentiu despeito a princípio (ainda sentiria?) – Mundoca não se entregara, não fora atraída pelos homens, pelas fardas vistosas, pelas histórias das viagens no rio.

– você nunca amou, hein, Mundoca? (BRASIL, 1979, p. 126)

O inevitável contexto de denuncia das condições sociais nas quais viviam as mulheres no cais do rio Parnaíba, atraídas pelo comércio pungente do rio, é uma marca inquestionável da escrita desta obra de Assis Brasil, aliás, o contexto de revolta social denunciado nas obras que se seguem na *Tetralogia Piauiense* mostram o crescimento desigual e desordenado de uma cidade provinciana, imbuída em preconceitos e extremamente problemática politicamente. Este ponto de apreciação claramente não será o foco desta discussão, mas se engendrará a ele, uma vez que, na proposta a que se dispõe este ensaio, o ambiente no qual se desenvolve a narrativa abandona o seu lugar comum, qual seja: o de se tornar apenas um pano de fundo para as narrativas, e ganha maior evidência para nossas discussões. Aqui, o Meio Ambiente, a natureza, suas grandezas, as paisagens ganham o principal lugar e são “vistas como característica fundamental do horizonte ideológico da obra literária”. (WALTER, 2011, p.5).

O ambientalista e crítico Greg Garrard (2006: 16) afirma que “a definição mais

ampla do objeto da ecocrítica é a de estudo da relação ente o humano e o não-humano, ao longo de toda a história cultural humana e acarretando uma análise crítica do próprio termo ‘humano’. Portanto, a abordagem do presente ensaio bebe paulatinamente desta fonte (Ecocrítica) e do pensamento de outros autores – como o martinicano Édouard Glissant, o moçambicano Mia Couto – que pensam justamente a relações entre homem, natureza, mundo e, inescapavelmente, consciência sociopolítica.

2. O pensamento cultural: diálogos

O que existe de mais profundo dentro da relação homem/natureza reflete diretamente nas construções culturais. Para além de um contato superficial, a intimidade rege todas as ligações. As provocações desse contato desenvolvem formas de comunicação entre indivíduo e natureza. Obviamente, em cada lugar, em cada espaço, em cada tempo, essas relações se darão de formas diferentes e as expressões culturais dos seres humanos serão decididamente regidas por esta comunicação com o universo que os cerca; os animais, as plantas, os rios, o céu. Nada nos escapa: cada lugar, cada novo olhar, cada ambiente será um ponto de desenvolvimento dos relacionamentos entre o homem e essa grande variedade de vidas. Milton Santos fala sobre os compartilhamentos entre homem e natureza, homem e meio ambiente e sobre como a cultura é o grande campo do diálogo entre o indivíduo e o grupo; e como o fazer cultural nos diferentes momentos é reelaborado e proporciona uma nova visão sobre todo o meio, revisões e reinvenções estas pautadas nas novas leituras e nos novos comportamentos assimilados pelo homem.

A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre homem e o seu meio, um resultado obtido por intermédio do seu próprio modo de viver (SANTOS, 2007, p.81)

A poesia, ou melhor, a literatura – sua expressão artística – é uma maneira peculiar de abordar a vida, o homem e suas relações. Com seu aspecto de desagregação, a poesia proporciona um novo contato com o mundo, novos diálogos e uma rica experiência. Ela realiza conexões entre as situações decisivas da vida do ser humano em face ao seu destino. A linguagem do poeta rompe com as fronteiras entre o mundo e suas dimensões, melhora a apreciação do universo. O poeta – nas palavras do escritor Mia Couto – “ao mesmo tempo em que precisa ter raízes, precisa ter asas”². É preciso ir além dos lugares

² O escritor Mia Couto em entrevista ao programa Roda-Viva, fala sobre a experiência de estar sendo escritor, de como é fascinante embarcar em novas histórias a cada vez que se descobre um novo mundo, uma nova cultura. Mas enfatiza também, a importância do lugar de onde se fala. Ele diz, por

que o cerca, beber de outras fontes, conhecer novas histórias. Mas é preciso se fixar para desenvolver esse sentimento que nos alimenta, que nos trás a vontade de falar sobre qualquer coisa, que aborda nossas paixões. A oportunidade de se deslocar para outros mundos que não o nosso, nos ensina outras culturas, mas é preciso que se entenda e se legitime o lugar de onde se fala. Legitimar aqui no sentido de entender e respeitar a individualidade dentro do caos, saber que “o caos só é belo quando concebemos todos os seus elementos como igualmente necessários” (GLISSANT, 2005, p.86). Em acordo com o pensamento acima, ao fazer o comentário sobre a própria obra *Tetralogia Piauiense*, Assis Brasil descreve o que é a construção do discurso ficcional para ele, como ela se configura e sua importância.

A Tetralogia Piauiense é a volta às minhas fontes, às minhas raízes. Deixei de lado os contos e novelas cerebrais, ideológicos, de teses, e me voltei para o homem, para a sua condição, onde tudo está implícito: ideologias, teses e supostas mensagens. (BRASIL, 1979, p. 483)

Impossível é, portanto, ao autor, fugir da natureza que o cerca. Voltar ao mundo de suas raízes é admitir seus diálogos com o meio ambiente. A vida dos ribeirinhos, das prostitutas, dos marinheiros de água doce, das lavadeiras, estivadores; e a convivência dessas pessoas com outros seres: as aves, os peixes, as plantas, o céu, o calor do sol, a chuva e o rio, todos esses elementos são fundamentais para construção da narrativa. Sentir o cheiro, tocar, acariciar cada um deles e poder transmiti-los na linguagem, rompendo as barreiras e dificuldades da comunicação.

Os homens que têm contato com a natureza, um contato mais íntimo, como por exemplo, os caçadores, os pescadores, eles conseguem ler o mundo de uma forma diferente, de um modo mais profundo, eles conseguem ir além do que se espera do humano e suas limitações, é uma visão íntima do que está só sugerido no ambiente, implícito na linguagem das águas com as plantas, do vento com os animais, conhecer o desenrolar desse mistério e dessa linguagem que nos escapa e não escapa a eles engrandece a escrita. Quando se dá essa oportunidade de conhecer, entrar em contato com a natureza e enxergar novas leituras do mundo, o escritor, o poeta encontra um discurso e elabora uma poética primorosa. Ao ecocrítico, afirma (GARRARD, 2006, p.23), cabe o desafio de manter um olho nos modos como a “natureza” é sempre culturalmente construída, em certos aspectos, e o outro no fato de que ela realmente existe, tanto como objeto quanto, ainda que de forma

exemplo, que seria impossível se fazer escritor não tendo nascido em Moçambique. Entrevista realizada em 05/11/2012. Disponível em <http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva/mia-couto>.

distante, como origem de nosso discurso.

Sobre a relação entre cultura e natureza Terry Eagleton (2011: 9) afirma que “o conceito de cultura, etimologicamente falando é um conceito derivado de natureza.” E complementa dizendo que “a cultura não suplanta simplesmente a natureza; em vez disso, ela a complementa de uma maneira que é tanto necessária como supérflua.” O pensamento do teórico é interessante dentro do tema deste ensaio porque, na medida em que lemos a cultura de que trata a obra *Beira Rio Beira Vida*, entendemos que o diálogo entre o homem e a natureza desenvolverá uma estrutura cultural condizente com aquele meio. Seria impossível, por exemplo, ao homem do sertão nordestino desenvolver uma relação comercial, ter os mesmos hábitos de compra e venda de mercadorias que desenvolveram os moradores de toda extensão do rio Parnaíba, cuja estrutura se pauta, sobretudo na navegação possibilitada pelo rio.

3. Do rio e das vidas

O rio é a primeira grande ilustração que se pode ter do romance já a partir de seu título, em seguida ilustra-se as vidas atreladas a ele. Como fluxo das vidas que dependem dele para existirem, é o lugar das transições e vivências das pessoas que moram à sua margem. Cada personagem que aparece e desaparece da narrativa, as lembranças de suas vidas têm a seu lado o rio como grande condutor de esperanças e guardador das saudades, da nostalgia que causam o reviver da memória. O rio e as pessoas se conhecem, vivem as mesmas vidas, dialogam, são na verdade, um casamento de acontecimentos dentro dos ciclos que se perpetuam.

O poeta, também piauiense – Da Costa e Silva – ilustra no poema *Saudade* esta relação vivida de sentimentos ente o rio e o homem, entre seus sentimentos e o lugar onde estão guardadas as lembranças de um tempo passado.

Saudade – olhar de minha mãe rezando
e o pranto lento deslizando em fio.
Saudade! Amor de minha terra... O rio
Cantigas de águas claras soluçando.

É incontestável o diálogo que a população do estado piauiense tem com o rio Parnaíba, mesmo porque é em sua dimensão que se desenvolve comercialmente, politicamente e culturalmente o estado como um todo. Lembro-me que sempre ao ligar o rádio todos os dias na cidade onde nasci, Amarante, ouvindo os anúncios, escutava o

locutor dizer aos ouvintes que eles estavam ligados na melhor programação do médio Parnaíba. Na infância, o significado de tal discurso fugia-me a compreensão. Com o tempo descobri que o estado, um estado inteiro de uma dimensão maior que 900 km de norte a sul, era dividido em três partes (baixo, médio e alto Parnaíba). É, portanto, impossível aos seus habitantes o desligamento desta relação com o rio Parnaíba, daí sucede o tão disseminado interesse em cantar o rio, contar suas histórias, suas lendas, é um rio que cobre nossas histórias e está inscrito em nosso imaginário, no imaginário de todos. O rio é um lugar de armazenamento e reconstrução de memórias. Sua paisagem e magia adentram nos sentimentos do poeta e perpetuam uma lembrança saudosista e poeticamente memorável.

As imagens construídas da memória de Luíza, personagem central de *Beira Rio Beira Vida*, estão sempre ligadas ao ciclo das águas, o sobe desce do rio dizia também de sua rotina na infância, mas, sobretudo na velhice, quando passa as tardes a costurar vestido para sua boneca Ceci, na beira do cais. “O rio enchia e secava e ela nas pedras mornas – o barulho de tudo sem uma identificação precisa. Quantos vestidos ganhou Ceci naquelas tardes sem conta?” (BRASIL, 1979, p. 17).

O mesmo rio que na idade adulta havia dado o sentido à vida de Luíza levando e trazendo os homens de seus sonhos com suas histórias, suas promessas; – como Nuno, grande amor de Luíza, que alimenta em sua alma os sentimentos saudosistas que ela não acredita serem comuns a todas as mulheres que têm a prostituição como alternativa de vida, por que ela o amara verdadeiramente – ou Jessé, seu grande parceiro de infância e mais tarde amante, ou ainda os tantos outros mais que a teriam como parceira por algumas noites e lhe dariam o sustento de uma vida miserável à beira do cais. O rio sempre em seu curso, e ali, os trazendo e os levando, como o ciclo da vida de sua família que não a esquecera, e se cumprira derradeiramente em suas carnes. O rio se cumpre como mensageiro.

O navio Arara voltou outras vezes, outros navios que sempre voltam, mas os marinheiros são apenas as recordações de braços e palavras. O navio arara voltou, outros voltaram – o quepe azul, os botões dourados, os casos, as histórias, as juras de amor. Nuno voltou, outros marinheiros voltaram – os de barba, os sem barba (...). A ida, a volta – como estas palavras tinham sentido, repercutiam na alma – “até a volta, Luíza” (BRASIL, 1979, p. 45-46)

4. Considerações finais

No ano de 2009 após assistir ao documentário *O Baile Cor-de-rosa* interessei-me pela história pesquisada e dramatizada no curta-metragem que resultou o trabalho produzido pelos alunos da Faculdade São Judas Tadeu no Piauí. O filme conta a história da morte por suicídio de pelo menos cinco prostitutas que viviam em Amarante, Piauí, na metade do século passado. A narrativa tinha o foco nos suicídios, no entanto, eu desenvolvi uma curiosidade sobre a vida das prostitutas narradas naquela história que viviam à beira do rio Parnaíba. Realizei então entrevista com duas mulheres que na época em foco também exerceram a prostituição e hoje ainda tinham disposição para contarem suas histórias. Recebi na ocasião os depoimentos das senhoras Nazaré Rodrigues e Joaquina Feitosa³. E no desenrolar de nossas conversas, as duas me falaram de suas vidas, seus amores, suas dores, perdas, tristezas, frustrações; e exaltaram em seus discursos a superação e o prazer pela noite.

Durante as leituras de outros materiais para construção do referido trabalho e ao participar do III Encontro de História Oral, no ano de 2011, observando outros trabalhos de pesquisadores piauienses acerca da prostituição no estado, percebi uma peculiaridade dentro dos discursos que envolviam a prostituição nas cidades de Teresina, Amarante e Parnaíba, qual seja: nas três cidades a vida das mulheres que exerciam a prostituição era muito ligada ao rio. Nas três cidades os prostíbulos eram situados, acredito que propositalmente, à beira do rio Parnaíba. Na oportunidade de composição e reflexões sobre a pesquisa já havia lido *Beira Rio Beira Vida*; e decididamente entendi que todas essas semelhanças não eram coincidência. Concluí, portanto que a vida comercial proporcionada pelas águas do “Velho Monge” – navegáveis naquela época - que separam, e unem ao mesmo tempo, Piauí e Maranhão, claramente não só alimentavam e trazia novidades de uma cidade para outra por onde os barcos passavam, como também aqueciam o comércio local e desenvolvia alternativas de vida, a prostituição era uma delas. Concluí, também, que o rio não era só exaltado em nosso Hino estadual e nos versos do poeta de minha terra Amarante, soube, em verdade, que o nosso “Velho Monge”, de tão velho, carregava em suas “barbas alongadas” as histórias de tantas vidas, de tantos amores, de tantas saudades;

³ As referidas entrevistadas me licenciaram a citar seus nomes em quaisquer eventuais necessidades. As entrevistas estão arquivadas e alguns trechos podem ser encontrados no artigo *Memórias da prostituição em Amarante: O prazer e a tragédia*, produzido por mim no ano de 2009 e apresentado no III Encontro de História Oral do Nordeste, no ano de 2011.

as histórias de um povo e de uma cultura que se deslocava nas fronteiras quebradas pelo rio.

Em *Beira Rio Beira Vida*, enxergo que Assis Brasil transmita em sua narrativa exatamente o que o crítico Greg Garrard sugere que seja a habitação do homem na terra, uma imbricação nossa com a natureza, um ritual de vida. E para além de transmitir ou só narrar, existe na narrativa de *Beira Rio Beira Vida* a problematização do diálogo de nós seres humanos com a natureza; e a preocupação e denúncia das repercussões desse contato dentro das relações que regem o espaço geográfico e o mundo em que vivemos.

O autor teve a felicidade de elaborar uma narrativa em que o uso da memória se torna a principal forma de contar a história, em um desenrolar magistral, Luíza conta a história de sua vida no cais e constrói cada uma das personagens dentro de suas lembranças, não há linearidade no texto e nem isso é necessário. O narrador nem precisa se pronunciar; e, portanto desaparece. Luíza se faz narradora também de uma sociedade desigual e mesquinha que deseja que cada sujeito se conforme no mundo em que vive onde os ricos são ricos; e os pobres são pobres; e as mulheres que vivem à beira do cais serão sempre prostitutas.

O rio estava ali para acalentar os que não se submetiam, as viagens de Jessé, acima e abaixo, eram o espaço livre da cela, como as pedras do cais de ponta a ponta, o único caminho.

O agarramento com as coisas – descobria que vida podia ser melhor, que a terra, a água, os bichos, os pássaros, os homens, à espera de uma entrega total, sem vaidade. Mas eles fugiam, tinham medo de se arrastar – os pés em saltos altos, o olhar de descaso para os que não conseguiam se levantar. Talvez soubessem e tivessem orgulho da situação, nada poderia interferir, herança de bens e herança de sangue, era assim mesmo, que se conformasse com a sorte. (BRASIL, 1979, p. 54).

O autor consegue realizar esta denuncia de que a relação simbólica que existe entre o homem e a natureza não nos escapa mesmo nas adversidades. O Parnaíba para o povo piauiense vive a identidade de ser uma entidade dentro da cultura, um símbolo para todos. E se torna o símbolo das denuncias das desigualdades sociais, além da beleza e esperança que representa.

5. Referências

- BRASIL, Assis. *Tetralogia piauiense*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979.
EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

SANTOS, Milton. *O Espaço do Cidadão*. São Paulo:Edusp, 2007.

SILVA, Da Costa. *Sou como um rio misterioso*. In: *Jornal da poesia*. Acesso em 12/01/13.
<http://www.jornaldepoesia.jor.br/dcosta10p.html>

_____. *Saudade*. In: *Jornal da poesia*. Acesso em 12/01/13.
<http://www.jornaldepoesia.jor.br/dcosta51p.html>.

WALTER, Roland. *Literatura, Cultura e Geografia: Visões Multiétnicas e Pós-Coloniais das Américas*. Projeto de Pesquisa PQ (2011).